

Editores da Coluna Opinião

07-05-2025

(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 54, fevereiro 2020, Trabalhadores Anônimos]

“Rendeiras de Bilro”

Observando os pássaros tecendo seus ninhos, o homem começou a tecer fibras para transformá-las em utensílios no caminhar a vida. Acredita-se que a arte de tecer se desenvolveu há 5.000 anos, com a sedentarização das sociedades humanas e domesticadora de animais e plantas (agricultores), pela necessidade de guardar alimentos e sementes e de ocupar o tempo de lazer. O homem se protegia do frio com peles de animais, mas a busca de vestes mais leves e confortáveis motivou-o a tecer fibras de lã, linho e algodão e, mais tarde, de seda, na produção manual de roupas. A arte de fazer rendas data da Idade Média europeia (de 400 a 1400 d.C) e chega ao Brasil, no século XVIII, com as mulheres de colonos portugueses que transmitem sua arte às mulheres brasileiras perpetuando o ofício secular de mãe para filha. Lendas e mitos no tecer do tempo, conta-se que a primeira renda de chumbos [depois substituídos pelos bilros] foi tecida pela noiva saudosa de um pescador no formato de uma alga petrificada com que ele a presenteou antes de ir à guerra (Blog do [Jeffcelophane](#), 2020). O amor e o imaginário popular teceram esta renda mas não se pode negar que o rendilhado das algas e das rendas em muito se assemelham... O zoar dos bilros nos transporta ao universo das rendeiras e à transmissão deste saber familiar em cada região do Nordeste pela criatividade e garra infinitas das mulheres que "fazem renda para fazer renda" no tecido da vida. Os apetrechos e ferramentas da renda de bilro são extraídos da natureza ao redor: almofada de algodão (capim, palha, serragem) e juta, alfinetes dos espinhos do mandacaru e rodilha [apoio para a almofada] de folha de bananeira ([A Renda de Bilro da Raposa](#)). Produzidos e adaptados pela rendeira são colocados de modo a tecer em posição confortável. Fazer renda é uma arte! Modificar instrumentos e ferramentas e acelerar ritmos de produção para atender o mercado e reduzir preços (especialmente os pagos às artesãs) é uma forma de exploração do trabalho das rendeiras. Pior, ainda, é o turista endinheirado pechinchar, às vezes p'ra “ganhar” 10 ou 20 reais. Para o turista é o troféu da humilhação da trabalhadora (conseguiu o desconto!). Para a rendeira, muitas vezes é a supressão da carne no armazém. Daí advém as doenças osteomusculares na velhice e não da escolha da melhor posição ergonômica pois 'escolha' é o que as rendeiras deixam de ter ao serem submetidas ao trabalho em escala ([Sá e Silva, 2017](#)). Há gente nesta renda, mulheres rendeiras! Marias Bonitas, Donas Ritocas, Severinas, anônimas doam sua criatividade. Há rendas nestas terras, estilos diversos, múltiplos. Renascença (Pernambuco, Ceará, Paraíba, Alagoas); a Filé (Paraíba, Ceará, Alagoas); Labirinto (Paraíba), Irlandesa (Sergipe). Impossível escolher ou atribuir valor a cada uma dessas obras de arte.

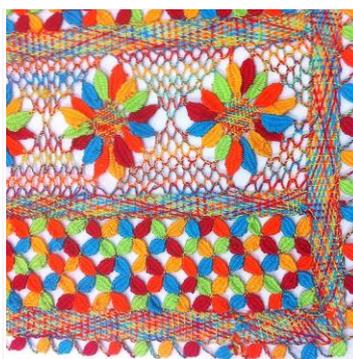
Quanto vale uma pintura, uma escultura, uma música, uma fotografia? O que estabelece a cotação de mercado de um artista? De bilro e de agulhas, de traços singelos e tramas difíceis, firmes e delicadas, macias e rudes que se entrelaçam como se estivessem a nos dizer que no tecer está o segredo do viver... no traçado paciente e determinado em que o tempo alinha a renda de um a mil fios em sua formosura... Lembro das mãos de minha avó tecendo toalhas de renda, vestidos de noiva e decorando tudo à sua volta. Guardo com carinho algumas dessas rendas... Trouxe lembrancinhas das rendeiras do Ceará para minha mãe e ouvi-a comentar: "*mamãe me ensinou a fazer este ponto, este outro não sei como faz, queria ter tempo de continuar a fazer renda... Essas rendas de máquina que se compram hoje não valem nada...*" Gostaria de dizer às meninas do Cariri que o que suas mães querem lhes ensinar é o valor do 'ser' mulher rendeira e viver da sua arte. Arte é vida! O ritmo do tecer a vida - o tempo - não pode ser subjogado ao capital...

Renda da Terra

*Sua alma, trabalhada no sobressalto ou no exílio,
Sempre a chorar por alguém que foi e não voltou:
- o marido, que, embarcado, Deus sabe o que é dele?...
- um filho que ainda pequeno fugiu para não tornar -
é como a trama da renda da terra,
que a rendeira rebate, e retorce, e pontilha de espinhos,
na ânsia de endurecer a graça petulante de uma traça,
no afã de alindar mais o trocado do ponto de filô,
e sai, tão fina, tão delicada, tão perfeita,
que vocês, meus irmãos do Sul,
mandam buscá-la aqui, na barraquinha anônima das várzeas,
para ostentá-la depois no meio de seu luxo...*

(Raquel de Queiroz, 1946)

Fonte: Revista O Cruzeiro (25/05/1946, p.34) [republicação de original de 1929]



■ ■ ■

Imagens de toalhas de renda de bilro: <https://img.elo7.com.br/product/original/2595E03/toalhinhas-em-renda-de-bilro-24cm-rendadebilro.jpg> // <https://cestariasregio.com.br/wp-content/uploads/2017/06/Toalha-de-bandeja-renda-de-bilro-colorida-detalle-CESTARIAS-REGIO.jpg>

Nota: Pesquisa e texto Rosangela Gaze, janeiro 2020.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.